

O PELOTÃO DE SEPULTAMENTO DA FEB

Durland Puppim de Faria

Mestre em Ciências Militares e em História do Brasil. Atua como professor da disciplina de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre o Pelotão de Sepultamento da Força Expedicionária Brasileira, criado em 1944. A metodologia utilizada baseia-se na análise quantitativa e qualitativa das informações contidas no Relatório das Atividades e Trabalhos Realizados pelo Pelotão de Sepultamento no Teatro de Operações na Itália e do Relatório da Seção G-3 do Quartel General do 15º Grupo de Exército Norte-Americano. Os resultados encontrados corroboram com a teoria do estudo ao afirmar que a criação do Pelotão de Sepultamento da FEB, embora não sendo uma unidade integrante de uma divisão padrão NA, foi uma decisão acertada tomada pelo comando brasileiro.

Palavras-Chave: Pelotão de Sepultamento. FEB. Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

This paper aims to present a study on the Burial Platoon of the Brazilian Expeditionary Force, created in 1944. The methodology used is based on the quantitative and qualitative analysis of the information contained in the Report of Activities and Works Performed by the Burial Platoon at the operations theater in Italy and the Report of Section G-3 of the 15th US Army Group Headquarters. The results corroborate the theory of the study, which states that the creation of the FEB Burial Platoon, although not being part of a standard USA division, was a wise decision taken by the Brazilian command.

Keywords: Burial Platoon. FEB. *World War II*.

1 INTRODUÇÃO

As guerras do século XX se caracterizaram por uma dinâmica que acarretou um aumento significativo no número de mortos no campo de batalha. A visão de corpos de companheiros, inimigos e civis se deteriorando ao ar livre ou sendo queimados ou enterrados de forma coletiva, sem qualquer consideração com o indivíduo, era aterradora. Essa situação gerava diversos transtornos para os soldados que ainda combatiam. Além disso, esses procedimentos favoreciam a proliferação de doenças, ocasionadas pela demora no sepultamento, e um baixo índice de identificação dos mortos, o que acarretava um elevado número de sepultamentos classificados como “soldado desconhecido”.

Com a finalidade de manter as condições sanitárias das áreas de combate e preservar o moral das tropas e da população civil foram criadas unidades militares que tinham como objetivo preencher essas funções de resgatar os restos mortais dos soldados, realizar a sua identificação e conservação e prestar as últimas homenagens religiosas e fúnebres.

A primeira unidade militar brasileira criada com essa finalidade surgiu com o envio de tropas expedicionárias brasileiras, em 1944, para a Frente Italiana durante a 2ª Guerra Mundial.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A CRIAÇÃO DO PELOTÃO DE SEPULTAMENTO

O Pelotão de Sepultamento (Pel Sep) da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) foi criada em 4 de julho de 1944¹, curiosamente quando o 1º escalão de embarque da Força

¹ O Pel Sep foi criado pelo Aviso Reservado nº 333.229 de 4 de julho de 1944.

Expedicionária Brasileira (FEB) já se encontrava em alto mar, em direção a frente italiana². O Pel Sep tinha como objetivo coletar os mortos nos campos de batalhas, transportá-los para os necrotérios, identificá-los, catalogar seus pertences e realizar o sepultamento.

Durante sua organização no Brasil, o pelotão esteve adido inicialmente à 1ª Companhia de Intendência Regional e, posteriormente, ao Depósito de Intendência da FEB. Ao longo desse período, foram fornecidos, no Brasil, os materiais necessários e realizados diversos treinamentos para a execução de suas missões. Todavia, o 1º escalão de embarque da FEB havia chegado à Itália, em 16 de junho de 1944, sem a presença de qualquer elemento do Pel Sep. Este fato foi contornado pelo comandante da FEB, Gen Mascarenhas de Moraes, com a criação de um Pel Sep provisório, composto por integrantes de diversas unidades brasileiras que haviam chegado à Itália no 1º escalão de embarque. O comando desse pelotão coube ao 2º Tenente Nilo Manso (AHEx, 1945, 1-2).

Como os componentes do Pel Sep provisório não haviam realizado qualquer treinamento relacionado a essa atividade, o comando da FEB determinou que os integrantes do pelotão realizassem estágios nos cemitérios e nos postos de coletas do Serviço de Sepultamento Exército Norte-Americano (AHEx, 1945, p. 2). Como a FEB estava enquadrada pelo escalão superior norte-americano, as normas relacionadas a tratamentos com os militares mortos seguiu os padrões adotados pelo Exército dos Estados Unidos.³

Os combates envolvendo as tropas brasileiras iniciaram-se em 15 de setembro de 1944, no Vale do Rio Serchio, norte da Itália, porém o primeiro óbito de pracinha⁴ na Itália ocorreu em 12 de agosto de 1944, por afogamento, ou seja, 34 dias antes do 1º contato com o inimigo.⁵

O Pel Sep organizado no Brasil chegou a Itália em 9 de outubro de 1944⁶, junto com o 2º e 3º escalões de embarque da FEB. Esse pelotão, composto por 22 homens (SILVEIRA, 2001, p. 327), deveria substituir o pelotão provisório do Ten Nilo Manso, porém o Gen Mascarenhas determinou que os recém-chegados completassem em efetivo o pelotão já existente. Essa determinação baseava-se no princípio de que o pelotão formado na Itália já tinha adquirido a prática e o mecanismo do serviço aplicado pelo exército norte-americano (NA). Desse modo, o 1º tenente Lafayette Vargas M. Brasileiro assumiu o comando, tendo como subcomandante o 2º Ten Nilo Manso (AHEx, 1945, p. 2).

2.2 COMPOSIÇÃO

O Pel Sep da FEB era constituído pela Seção de Administração (Seç Adm) e três postos de coleta de mortos (PCol), cada posto comandado por um 3º sargento, totalizando, inicialmente, um efetivo de 30 homens (conforme Quadro 1). Porém, durante o desempenho das atividades, verificou-se a necessidade de ampliar esse efetivo, o que elevou o efetivo do pelotão para 36 homens, (conforme Quadro 2)

QUADRO 1 - Funções e efetivo do Pel Sep da FEB (inicial)

| |
|------------------------|
| Seção de Administração |
|------------------------|

QUADRO 2 - Funções e efetivo do Pel Sep da FEB (final)

| |
|------------------------|
| Seção de Administração |
|------------------------|

² O 1º escalão de embarque da FEB partiu do Rio de Janeiro em 2 de julho de 1944 e chegando à Itália em 16 de julho, com o efetivo de 5.075 homens.

³ Segundo o Quadro Organizacional do Exército Norte-Americano, cada Corpo de Exército deveria possuir uma Companhia de Sepultamento (Cia Sep) com 4 Pelotões, sendo três destinados a apoiar as Divisões e um para as unidades orgânicas do Corpo. Porém, durante quase toda campanha, o V Ex NA atuou com apenas uma Cia Sep em apoio a seus dois Corpos de Exército (EUA, 1962, p. 300)

⁴ Pracinha é um termo referente aos soldados brasileiros que lutaram na Itália, compondo a FEB durante a 2ª GM.

⁵ O primeiro pracinha a morrer na Frente Italiana foi o soldado Antônio Aparecido, do 6º RI, que faleceu por afogamento no dia 12 de agosto de 1944. Os primeiros mortos em combate foram os soldados Antenor Guirlanda (Vic Nocchi), Atílio Piffer (Camaioire) e Constantino Marochi (Vic Santini) em 21 de setembro de 1944, todos do 6º RI. (SILVEIRA; MITKE, 1983) (MORAES, 2005).

⁶ Segundo Silveira (2001, p. 327) o 2º e 3º escalões de embarque chegaram à Itália no dia 6 de outubro de 1944.

| Quantidade | Post / Grad | Função |
|------------------------|-------------|---------------|
| 1 | 1º Ten | Cmt |
| 1 | 2º Ten | Sub-Cmt |
| 1 | 1º Ten | Capelão |
| 2 | 2º Ten | Médico |
| 1 | 2º Sgt | Auxiliar |
| 1 | 3º Sgt | Identificador |
| 5 | Sd | Sv Gerais |
| Posto de Coleta (cada) | | |
| Quantidade | Post / Grad | Função |
| 1 | 3º Sgt | Cmt |
| 5 | Sd | Sv Gerais |
| Efetivo Total | | |
| Post / Grad | Quantidade | |
| 1º Ten | 2 | |
| 2º Ten | 3 | |
| 2º Sgt | 1 | |
| 3º Sgt | 4 | |
| Sd | 20 | |
| Total | 30 | |

Fonte: Relatório das atividades e trabalhos do Pel Sep. (AHEx, 1945, p.02) (adaptado pelo autor)

| Quantidade | Post / | Função |
|------------------------|------------|------------|
| 1 | 1º Ten | Cmt |
| 1 | 2º Ten | Sub-Cmt |
| 1 | 1º Ten | Capelão |
| 2 | 2º Ten | Médico |
| 1 | 2º Sgt | Auxiliar |
| 1 | 3º Sgt | Enfermeiro |
| 1 | 3º Sgt | Enc.Rancho |
| 10 | Sd | Sv Gerais |
| Posto de Coleta (cada) | | |
| Quantidade | Post / | Função |
| 1 | 3º Sgt | Cmt |
| 5 | Sd | Sv Gerais |
| Efetivo Total | | |
| Post / Grad | Quantidade | |
| 1º Ten | 2 | |
| 2º Ten | 3 | |
| 2º Sgt | 1 | |
| 3º Sgt | 5 | |
| Sd | 25 | |
| Total | 36 | |

Fonte: Relatório das atividades e trabalhos do Pel Sep. (AHEx, 1945, p.11) (adaptado pelo autor)

2.3 MISSÃO

A missão do Pel Sep era buscar, coletar e evacuar os restos mortais do militar; identificar, conservar e sepultar⁷ os corpos; coletar e processar os pertences pessoais; elaborar relatórios e registros relacionados ao militar falecido; e, posteriormente recebeu também a incumbência de instalar e operar o cemitério militar brasileiro em solo italiano.

Segundo a pesquisadora Adriana Piovesan (2016a, p.324), a missão central do pelotão era enterrar mortos o mais rápido possível e comunicar o falecimento para suas famílias. Essa informação era realizada por um órgão no Brasil e que transmitia essa informação após receber os registros e o relatório de falecimento do militar. Posteriormente, sempre que possível, era entregue também os pertences do falecido.

De um modo geral os restos mortais dos soldados brasileiros eram evacuados, pela própria unidade a qual pertencia o militar, para as instalações dos PCol mais próximo, onde era feita a primeira tentativa de identificação do corpo e eram anotados todos os dados necessários para a realização do enterro (SILVEIRA, 2001, p. 102).

Contudo, em função da situação tática que normalmente se encontravam as unidades, o Pel Sup era chamado para realizar a coleta dos corpos de soldados no próprio campo de batalha⁸. Algumas dessas coletas ocorreram sob pesados fogos de artilharia inimiga e em área de campos minados. Em alguns casos os corpos dos soldados brasileiros encontravam-se armadilhados com minas inimigas, as chamadas *booby-traps*, o que acarretava maior demora e, por sua vez, maior exposição aos fogos inimigos (AHEx, 1945, p. 12). A maior concentração de atividade do Pel Sep ocorreu na região de

⁷ Com a finalidade de simplificar o entendimento desse trabalho o termo “sepultamento” será utilizado em dois sentidos. 1. Ato de colocar os restos mortais em uma sepultura **definitiva**. 2. Inumação, ato de colocar os restos mortais em uma sepultura **provisória** para posterior exumação. (Brasil, 2018, p. 1-1)

⁸ Em fevereiro de 1944, no campo de batalha de Monte Castelo, o Pel Sep recebeu ordem do Chefe do SI para recolher os corpos de soldados brasileiros que haviam morrido em ação dois meses antes e que permaneciam insepultos, pois se encontrava dentro das linhas alemãs. Esses corpos foram retirados em completo estado de decomposição. Esse trabalho de retirada dos corpos ocorreu em uma área minada e sob fogos de artilharia inimiga (AHEx, 1945, p. 12).

Monte Castelo, onde o pelotão realizou a coleta de 46 corpos do ataque a Monte Castelo de dezembro de 1944 e 20 corpos do ataque de fevereiro de 1945 (AHEx, 1945, p. 12).

Segundo Silveira (2001, p.12), todos os soldados carregavam consigo um cordão com duas placas metálicas de identificação e, desse modo, quando os corpos eram entregues aos elementos do Pel Sep, estes destacavam essas duas placas e fixavam uma entre os dentes do morto e a outra era, posteriormente, fixada na cruz de madeira em sua sepultura.⁹ Os integrantes do PCol, ao receberem os corpos em suas instalações ou quando os retiravam da frente de combate, realizavam de imediato uma investigação para a identificação do corpo e outras informações necessárias¹⁰ (EUA, 1962, p. 301).

A identificação dos corpos encontrados na frente de combate dependia basicamente de dois fatores: a causa da morte e tempo decorrido entre a morte e a coleta dos restos mortais. A morte causada por alguns artefatos bélicos, como granadas de artilharia ou de morteiro, minas terrestres e bombas da aviação, assim como acidentes envolvendo fogo e explosões podiam acarretar a fragmentação, degradação e dispersão dos corpos e de seus objetos pessoais, dificultando ou impossibilitando a sua identificação.

O longo período decorrido entre a morte e a coleta dos restos mortais permitia que animais e pessoas, não ligadas à área de sepultamento, como a população civil, soldados inimigos e até tropas amigas, tivessem contato com o corpo e com seus objetos pessoais¹¹. Esse longo período também acarretava a decomposição natural dos corpos, que se torna mais rápida no período de verão, quando as temperaturas na Itália superavam os 30°C.

Outra função do pelotão era retirar da área de atuação da 1ª DIE os corpos de soldados de qualquer nacionalidade, aliados ou inimigos. Foi o que aconteceu na região de Montese, quando o pelotão recolheu 222 corpos de soldados norte-americanos, transportando-os para o Cemitério Militar Norte-Americano de La Piève, e com 40 corpos de soldados alemães, transportados e sepultados na quadra destinada a tropas inimigas no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia (AHEx, 1945, p. 12).

O Pel Sep estava diretamente subordinado ao Chefe do Serviço de Intendência (SI) da 1ª DIE, que, por sua vez, recebia orientações do Chefe da 4ª Seção do Estado Maior (EM) da 1ª DIE sobre a região que deveriam ser desdobrados os PCol do pelotão. A localização exata dos PCol era realizada após um detalhado reconhecimento do local. Essa ocupação no terreno era realizada e, imediatamente, comunicada ao escalão superior para publicação nas Ordens de Operações da 4ª Seção do EM (AHEx, 1945, p. 3).

O Pelotão, que inicialmente estava estabelecido em Pisa, recebeu a ordem de desdobrar suas instalações mais próximas da linha de contato (LC) em Garfagnana. Desse modo, foram desdobrados um PCol em Valdibuaia (região de Lucca) e outro em Diécino (região de Borgo a Bosano). O terceiro posto permaneceu em reserva, permitindo que seus integrantes realizassem certo repouso. Era realizado um constante rodízio entre os três PCol para que todos pudessem ter um período de descanso. A Seção de Administração ocupou uma área em Vada, próxima ao cemitério militar norte-americano (AHEx, 1945, p. 4).

Com a mudança da frente da 1ª DIE para o Vale do Rio Reno, na região de Porreta Terme, o Pel Sep mudou a localização dos seus PCol para a região de Curvelo, na estrada entre Porreta Terme e Sila, apoiando as tropas na frente de combate, e para a região de Valdibura, na estrada entre Pistoia e Porreta Terme, apoiando as unidades de retaguarda e os 32º Hospital de Campo NA¹². Com essas mudanças a distância entre os PCol e o Cemitério Militar Norte-Americano em Vada, que inicialmente já era grande, algo em torno de 200 Km, aumentou para 360 Km, acarretando uma redução na operacionalidade dos PCol, já que a viatura responsável em levar os corpos para o

⁹ Segundo Piovesan (2016b, p. 165) a placa fixada na cruz, apenas, simulava da placa de identificação que os soldados carregavam a dog tag.

¹⁰ Informações como a causa da morte, o local exato do óbito, caso não fosse possível identificar o corpo era identificada a quadrícula para que pudesse identificar as unidades que estavam atuando na área. (EUA, 1962, p. 301)

¹¹ Era frequente não encontrar objetos pessoais junto aos corpos dos soldados que eram encontrados dias após sua morte. É presumível que ocorresse saques e extravio dos bens entre o período do falecimento até a coleta. (PIOVESAN, 2016a, p.329).

¹² Alguns soldados brasileiros foram hospitalizados nessa unidade militar NA.

cemitério gastava um dia inteiro nessa atividade, deixando de exercer outras atividades inerentes ao posto.

Uma solução adotada para resolver ou reduzir esse problema foi a transformação do terceiro PCol em posto de triagem, desse modo os PCol da frente de combate realizavam a evacuação dos corpos até o posto de triagem, que foi instalado em Pistoia. O posto de triagem por sua vez era o responsável em realizar a evacuação até Vada (AHEx, 1945, p. 4). Assim os integrantes dos PCol da frente de combate retornavam aos seus postos com maior velocidade, para realizar outras evacuações.

Durante todo o período em que esteve em funcionamento, o pelotão, cumprindo orientação da 4ª Seção do EM da FEB, acompanhou sempre à retaguarda das tropas combatentes em seus continuados avanços (AHEx, 1945, p. 11). Os três PCol, ao longo da campanha, instalaram-se em diversas localidades italianas¹³.

Os meios materiais foram fornecidos pelo escalão superior norte-americanos. Com seu efetivo completo e os meios em condições de emprego o pelotão recebeu ordem de se deslocar e se instalar na zona de combate para desempenhar de maneira plena as suas atribuições.

2.4 MEIOS DO PELOTÃO

Logo no início das atividades do pelotão verificou-se que o número de viaturas programadas para serem fornecidas (1 Jeep ¼ Ton , 2 Dodge ¾ Ton e 1 reboque de 1 Ton) era insuficiente para o cumprimento das missões. Deste modo, foram solicitadas ao escalão superior mais viaturas, que foram prontamente atendidas. Assim o quadro de viatura do Pel Sel ficou assim composto (AHEx, 1945, p. 11):

Quando – 3 Distribuição de Viaturas

| Destacamento | Vtr |
|--------------|------------------------------------|
| Cmdo Pel | 1 Jeep ¼ Ton |
| PCol nº 1 | 1 Dodge ¾ Ton e 1 reboque de 1 Ton |
| PCol nº 2 | 1 Dodge ¾ Ton e 1 reboque de 1 Ton |
| PCol nº 3 | 1 Dodge ¾ Ton e 1 reboque de 1 Ton |
| Cemitério | 1 Viatura 1 1/5 Ton |

Fonte: Relatório das atividades e trabalhos do Pel Sep (AHEx, 1945)(adaptado pelo autor).

2.5 A CRIAÇÃO DO CEMITÉRIO MILITAR BRASILEIRO

Os primeiros cemitérios militares foram criados em meados do século XIX¹⁴, porém a criação desses cemitérios militares só se tornou comum, entre as nações em conflito, durante a 1ª Guerra Mundial. O número de mortes diárias nesse conflito superava a casa dos milhares, o que exigiu que essas nações criassem um local para o sepultamento imediato de seus corpos.

O sepultamento dos soldados brasileiro era realizado, inicialmente, no Cemitério Militar Norte-Americano de Vada e Folonica ou no cemitério civil de Tarquinia. A utilização dos cemitérios

¹³ Cmdo Pel: Pistoia; PCol nº 1: Porreta Terme, Lizano in Velvedere, Abetaia, Vignola, Montechio, Alessandria e Pistoia; PCol nº 2: Valdibura, Gagio Montano, Zoca, Vignola, Montechio, Alessandria, Pistoia e Vada; PCol nº 3: Gagio Montano, Canevacia, Guglia, Vignola, Piacenza, Alessandria e Pistoia e ; Cemitério: Pistoia. (AHEx, 1945, p.12).

¹⁴ O primeiro cemitério militar que se tem notícia foi instalado nos Estados Unidos para receber os restos mortais da Guerra contra o México em 1847. (PIOVESAN, 2016b, p.163).

militares norte-americanos apresentava algumas vantagens e desvantagens para o comando da FEB (AHEx, 1945, p. 12).

A vantagem estava na utilização de uma instalação administrado pelo exército NA, com toda a estrutura física já pronta, onde a participação dos integrantes do Pel Sep consistia na entrega dos corpos e das documentações padronizadas pelos próprios norte-americanos.

Porém, existiam três importantes fatores que desaconselhavam a utilização daqueles cemitérios, o primeiro era a distância entre os PCol e o cemitério NA, que acarretava grande gasto de tempo com o deslocamento e a obrigatoriedade da instalação de um posto de triagem em um local intermediário entre eles (AHEx, 1945, p. 4). O segundo era a obrigatoriedade de cumprir os regulamentos e as normas de trabalhos dos cemitérios militares NA¹⁵, essa burocracia era realizada pela administração do próprio cemitério, que levava algo em torno de 9 dias após o sepultamento para liberar a documentação que permitiria que os integrantes do pelotão realizassem a confecção de documento para ser remetida ao Serviço de Intendência. Esse procedimento burocrático acarretava atraso na remessa das informações ao Ministério da Guerra no Brasil e, por conseguinte, a comunicação aos familiares. O terceiro fator era moral, pois os soldados mortos defendendo a bandeira brasileira estariam enterrados sobre um cemitério onde a bandeira hasteada não seria a sua (AHEx, 1945, p. 5).

Desse modo, tornava-se claro a necessidade da implantação de um cemitério militar brasileiro nas proximidades da área de atuação das forças brasileiras. Assim o Gen Mascarenhas determinou que se iniciassem as tratativas junto ao IV Corpo do 5º Exército NA, a qual a FEB estava subordinada, para a criação de um cemitério militar brasileiro.

O comando NA determinou que os encarregados brasileiros pela criação do cemitério se dirigissem ao *Grave Registration*¹⁶ (Serviço de Sepultamento do Exército NA) para indicar uma área para a instalação do cemitério militar brasileiro.

Essa área deveria possuir algumas características como proximidade ao eixo de progressão das tropas brasileiras, distanciamento de lençóis freáticos¹⁷, facilidade de acesso para as viaturas entre outras. Após duas semanas de reconhecimento e de trabalhos técnicos realizados por militares norte-americanos, optou-se em construir o cemitério as margens a estrada de Cadeglia (AHEx, 1945, p. 6).

As obras tiveram início logo após a demarcação do local. Uma das primeiras medidas adotadas foi o cercamento do terreno com moirões e arame farpado, a instalação de um mastro de aproximadamente 12 metros e a construção de avenidas e ruas que dividiriam internamente a área em cinco quadras, sendo quatro para soldados brasileiros e uma para inimigos (AHEx, 1945, p. 6). Essas avenidas e ruas foram cobertas de seixo para evitar a formação de poças d'água e lama no período de chuvas e degelo (AHEx, 1945, p. 7).

Todas as sepulturas possuíam cruzes de madeira pintadas de branco e perfeitamente alinhadas entre si (AHEx, 1945, p. 7). Com o objetivo de aumentar a vida útil dos materiais e procurando embelezar a área foram pintados de branco os moirões da cerca e o mastro da bandeira. Na entrada do cemitério foi instalado um arco de ferro que trazia a seguinte inscrição “Cemitério Militar Brasileiro” esse arco era apoiado em dois pilares de concreto, tendo em uma extremidade o distintivo do V Exército e do outro do Brasil, ambos confeccionados em mármore de Carrara (AHEx, 1945, p. 7).

Figura 1 – Cemitério Militar Brasileiro

¹⁵ Os cemitérios militares NA possuíam normas bem rígidas no que se refere à confecção de relatórios de sepultamento, inventários de objetos pessoais, etc.

¹⁶ O *Grave Registration* era único órgão NA em condições de localizar áreas apropriadas para a instalação de um cemitério militar.

¹⁷ Segundo as normas apresentadas pelo *Grave Registration*, os lençóis freáticos deveriam estar no mínimo a 1,5 metros de profundidade, porém a região de Pistoia era uma planície muito baixa, o que dificultava a procura de um local apropriado.



Fonte: História sem a máscara ideológica¹⁸.

O necrotério foi instalado nos fundos do cemitério, próximo a uma entrada secundária, por onde passavam as viaturas que conduziam os corpos à instalação. Inicialmente, o necrotério foi instalado em uma barraca de lona¹⁹, onde seriam realizadas as atividades de preparatórias para o sepultamento. Mas para evitar que as atividades realizadas na barraca e nos seus arredores fossem visualizadas pelas pessoas que visitavam o cemitério, foi determinado que se instalasse uma espécie de biombo, também de lona e com aproximadamente 2 metros de altura, que impedisse a visualização dos trabalhos (AHEx, 1945, p. 8). Na área do necrotério, foi feita uma pavimentação com pedras para evitar a formação de lama e a construção de cavaletes de madeira para a colocação das padiolas com os corpos para evitar deixá-los em contato com o solo. Ainda no necrotério, foi instalada uma pequena capela²⁰.

O pelotão organizou uma oficina que produzia cruzes para sepulturas, placas para balizamento, armários de madeira etc, sempre com muito esmero, mas com deficiência de meios, que eram fornecidos pelo Depósito de Intendência da FEB.²¹ O cuidado com as instalações era tão grande que se chegou a realizar uma concorrência entre floriculturas da região de Pistoia, para o fornecimento de mudas de flores para serem plantadas no cemitério (AHEx, 1945, p. 8).

2.6 OUTROS CEMITÉRIOS E AS CERIMÔNIAS FÚNEBRES

Além dos sepultamentos realizados nos cemitérios militares (brasileiro e norte-americano) e no cemitério civil de Tarquinia, ocorreram diversos sepultamentos de brasileiros realizados por tropas alemãs nos cemitérios civis em Piacenza, Alessandria e Milão (AHEx, 1945, p. 13).

¹⁸ MIRANDA, Francisco. História sem a máscara ideológica. 2013. Disponível em: <https://chicomiranda.wordpress.com/2013/10/25/o-cemiterio-militar-de-pistoia-e-o-ultimo-dos-brasileiros-morto-na-italia/#jp-carousel-22748>. Acesso em: 07 ago.2019.

¹⁹ A utilização de uma barraca de lona, fragilizada pelos constantes ventos típicos da região, caracterizava a sua situação provisória. Deste modo, foi solicitada a construção de instalações fixas de madeira para o funcionamento do necrotério (PIOVESAN, 2016b, p.164).

²⁰ Essa capela foi erguida com a coordenação do capelão do Pelotão de Sepultamento.

²¹ Relatório das atividades e trabalhos realizados pelo Pelotão de Sepultamento no Teatro de Operações na Itália. p. 10 no Arquivo Histórico do Exército.

Após o fim da guerra realizaram-se diversas pesquisas para localizar todos os corpos de brasileiros mortos na Itália. Com esse trabalho foi possível realizar o traslado de 88 corpos que estavam sepultados em 9 cemitérios e 2 áreas provisórias de sepultamento (AHEx, 1945, p. 13).

O sepultamento dos corpos dos soldados brasileiros ocorria sempre de forma respeitosa e regulamentar. Inicialmente era realizada uma cerimônia religiosa presidida pelo capelão do pelotão. Em seguida o corpo, coberto pela bandeira do Brasil, era conduzido à sepultura, onde era realizado o cerimonial fúnebre militar (AHEx, 1945, p. 14).

2.7 DOCUMENTAÇÕES DO PEL SEP

Com a instalação do cemitério brasileiro em Pistoia, as documentações sobre o falecimento dos soldados brasileiros, que outrora levavam mais de 1 mês, passaram a ser expedidos para a Ajudância Geral e para o Serviço de Intendência em 48 horas após o sepultamento (AHEx, 1945, p. 8). Além dessa documentação informativa, era confeccionado um dossiê contendo diversas informações sobre o militar falecido²², para futura utilização no cálculo do montepio e das indenizações às famílias. No cemitério, foi criado um fichário para facilitar a localização da sepultura²³ e um livro de registro de sepultamentos.

Esses documentos serviram para gerar uma série de gráficos estatísticos com as seguintes informações: número de mortos por “causas mortis”, por unidade, por posto; e movimento diário e mensal de mortos (AHEx, 1945, p. 9). Essas informações foram extremamente importantes para a realização em estudos posteriores realizado por diversos pesquisadores.

Até o dia 25 de junho de 1945 haviam sido sepultados dos no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia 444 soldados²⁴ brasileiros (AHEx, 1945, p. 14).

2.8 VIDA ADMINISTRATIVA DO PELOTÃO

Na criação do Pel Sep foi estabelecido que essa unidade militar não teria autonomia administrativa, sendo diretamente subordinada à Companhia de Intendência (Cia Int). Porém, pela peculiaridade das atividades exercidas, o pelotão ficou apenas adido a Cia Int para efeito de pagamento do seu efetivo (AHEx, 1945, p. 10).

Um bom exemplo foi o sistema de alimentação utilizado pelo pelotão ao longo da guerra. O comando do pelotão recebia ou buscava os gêneros alimentícios no Posto de Distribuição (PDist) na Cia Int e os dividia e distribuía entre o próprio comando²⁵ e os Postos de Coleta destacados. Cabe destacar que não existia, no Quadro de Funções do Pel Sep, a função de cozinheiro. Contudo parece não ter havido qualquer problema em relação a esse fato. Outra peculiaridade era que o pelotão também recebia os gêneros alimentícios para os 16 civis italianos que trabalhavam no cemitério (AHEx, 1945, p. 10).

Esses trabalhadores civis italianos, contratados para trabalharem no cemitério, recebiam seus pagamentos direto do Quartel General da 1ª DIE²⁶.

CONCLUSÃO

²² Nesse dossiê contava com o Relatório de Sepultamento, Inventário de Objetos Pessoais, Certificado de Enterro, Atestado de Óbito, etc.

²³ Nesse fichário havia outras informações importantes como a “causas mortis”, a data do falecimento, a unidade a que pertencia etc.

²⁴ Assim relacionados: 321 em combate; 37 em acidente de veículo; 19 em acidente de mina; 3 afogados; 9 em acidentes com armas; 8 em queda de aeronaves; 32 feridos em combate e mortos em hospital; 8 por doença em hospital; 3 por soterramento; e 4 por assassinato.

²⁵ A confecção da alimentação dos integrantes do comando do Pel Sep, do PCol em repouso e dos elementos que trabalhavam no cemitério militar brasileiro em Pistoia era realizada nas instalações do comando.

²⁶ De acordo com a pesquisa realizada pela Dr. Adriane Piovesan os recursos eram oriundos do Exército dos Estados Unidos. (2016b, p.164-5).

Hoje é indiscutível a importância da existência que unidades militares responsáveis em cuidar dos restos mortais dos soldados que tombam em combate, seja por motivos sanitários, psicológicos, religiosos ou humanitários.

É possível afirmar que a criação do Pelotão de Sepultamento da FEB, embora não sendo uma unidade integrante de uma divisão padrão NA, foi uma decisão acertada tomada pelo comando brasileiro, pois permitiu que os soldados brasileiros em combate soubessem que, em caso de morte, haveria um grupo de brasileiros que iria recuperar seus restos mortais e trasladá-lo para sua terra natal, onde próximo de seus entes queridos poderia ser definitivamente sepultado.

REFERÊNCIAS

- EUA. Departamento de Guerra dos Estados Unidos da América. **Uma Enciclopédia Militar**: Relatório da Seção G-3 do Quartel General do 15º Grupo de Exército – Itália (1943-1945). Tradução: Wilson Teixeira Mendes. São Paulo: [s.n.], 1962. 388 p.
- Arquivo Histórico do Exército. Rio de Janeiro. Seção de Arquivo Escritos. Acervo FEB. **Relatório das Atividades e Trabalhos Realizados pelo Pelotão de Sepultamento no Teatro de Operações na Itália**. 1945. 15 p.
- SILVEIRA, Joaquim Xavier. da. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2001. 253 p.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **Manual de Ensino Assuntos Mortuários em Campanha (EB60-ME-22.402)**. Rio de Janeiro: DECEX, 2018.
- MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu Comandante**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2005.
- PIOVESAN, Adriane. A morte e o morrer na guerra: os enterramentos dos soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. **Revista M.**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p.320-338, jul.-dez. 2016a.
- _____. Lembrar e esquecer: registro de visitantes do monumento votivo militar brasileiro de Pistoia. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 161-177, jul. 2016b. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7976.2016v22n34p161>.
- SILVEIRA, Joel; MITKE, Thassilo. **A luta dos pracinhas**. Rio de Janeiro: Record, 1983.